

Nota do organizador: Reproduzido do livro *Ensaio com Abelardo da Hora*. Recife, Instituto Abelardo da Hora, 2005, texto de Weydson Barros Leal, p. 101, 104 e 107

As praças de arte e a galeria flutuante

Nos primeiros dias de 1960, já como prefeito do Recife, Miguel Arraes solicitou a uma de suas assessoras, a artista Marta de Jesus – que havia participado do Atelier Coletivo anos antes – que pedisse a Abelardo da Hora uma minuta ou anteprojeto de uma idéia para uma universidade popular. Incorporando aquela idéia, Arraes pretendia criar um movimento de inclusão social através da arte. E pedia: é preciso incluir no projeto uma parte destinada à educação fundamental, pois haveria o paio de setores católicos de esquerda empenhados na idéia. Foi então marcada uma reunião com o idealizador do Ateliê Coletivo.

No dia do encontro, Abelardo apareceu acompanhado por dois integrantes da SMAR [Secretaria da Prefeitura do Recife]: Geraldo Menucci e Luís Mendonça, que dirigia a área de teatro da Sociedade de Arte Moderna do Recife. Também estavam nessa reunião professores católicos, convidados por Arraes para ajudar em seu projeto. Abelardo foi apresentado como um artista que desenvolvia, até então, um trabalho importante para a arte de Pernambuco sem qualquer ajuda pública, e o novo prefeito mostrava-se disposto a ajudá-lo. Em seguida, Abelardo expôs seu projeto, que consistia, simplesmente, na expansão de seu trabalho na Sociedade de Arte Moderna para a ampla maioria da sociedade, principalmente as camadas populares, desfavorecidas nas condições de acesso à arte e à educação.

Entre as muitas pessoas presentes, fez parte da reunião o educador Paulo Freire, que iria desenvolver um dos mais importantes programas de educação popular do Brasil. Após alguma discussão, a proposta de Abelardo foi aprovada. Ao fim do encontro, o prefeito Miguel Arraes batizou o projeto de Movimento de Cultura popular, que teria como objetivo central um grande avanço na alfabetização da população pobre do Recife. Para a presidência do Movimento foi eleito, dias depois, numa reunião do Sítio da Trindade, Germano Coelho, considerado um moderado por sua posição política, o que diminuiria a forte conotação de esquerda do MCP.

Ainda naquele primeiro encontro Arraes decidiu nomear Abelardo como diretor da Divisão de Parques, Jardins e Cemitérios da Prefeitura. Para Abelardo, o fato consistia numa promoção importante, além do reconhecimento público do seu trabalho. Desde o governo de Pelópidas Silveira, ele já pertencia aos quadros do funcionalismo municipal, mas como simples servidor da Divisão de Cultura e Recreação. Agora como diretor de uma Divisão, seria responsável pelo Sítio da

Trindade com o objetivo de transformá-lo num parque de cultura e, paralelamente, na sede do Movimento de Cultura Popular idealizado por Arraes.

Em sua passagem pela Divisão de Parques e Jardins, Abelardo retomou seu projeto para o Sítio da Trindade, além de criar em cinco áreas do município, o que chamou de “praças de cultura”. O projeto dessas praças buscava reviver os antigos coretos, mas com um ar de modernidade, com galpões cobertos, espaços para exposições de artes, recitais de música, peças de teatro e, principalmente, abrigando uma escola de alfabetização do Movimento de Cultura Popular. Toda a parte de alfabetização do Movimento era dirigida por Paulo Freire, que contava com a ajuda dos chamados “professores católicos”.

Outra importante realização de Abelardo, à frente de sua Divisão, foi uma galeria de arte no centro do Recife, próxima à agência central dos Correios. O projeto foi do arquiteto Marcos Domingues, amigo de Abelardo, que também fora convidado para desenhar as “praças de cultura”. A galeria consistia numa construção inovadora para a época. Sua estrutura foi erguida praticamente dentro do Rio Capibaribe, dando a impressão, vista de longe, de que se tratava de uma “galeria flutuante”. Suas paredes eram, em grande parte, feitas de vidro, e aquela transparência despertava a curiosidade dos passantes em conhecer o lugar. No entanto, a vida da “galeria flutuante” foi relativamente curta. Pouco tempo depois da inauguração, uma enchente do Capibaribe arrastou o pequeno prédio, não havendo possibilidade de reconstruí-lo naqueles moldes. Não obstante, antes disso foram feitas importantes exposições no local.